

CORPOGRAFIAS EM DANÇA:

UMA METODOLOGIA DE PESQUISA ORIGINAL

Graziela Andrade

UFMG: Escola de Belas Artes, Licenciatura em Dança

graandrade@gmail.com

www.corpografias.com

RESUMO

Partindo-se da noção de corpografias - sob o ponto de vista de Britto e Jacques – discuti-se as concepções de lugar, espaço e ambiência como tempos distintos da experiência corporal na entidade física. A partir desse ponto, desenvolveu-se uma metodologia de pesquisa que tem a dança em espaços públicos como objeto empírico. A pesquisa foi realizada entre o Brasil e a França e contou com a participação de bailarinos da América do Sul e Europa que fizeram registros videográficos de suas improvisações em dança, nas quais buscavam relacionar verbos de ação ao local escolhido para dançar. A análise foi feita em três tempos considerando-se os verbos/espaço, os gestos e um segundo vídeo no qual os bailarinos relatavam suas experiências. A originalidade metodológica foi capaz de abraçar a hipótese de que o corpo experimenta, sensivelmente, a informação, e que por vias da gestualidade podemos evidenciar essa subjacente relação.

PALAVRAS-CHAVE: Corpografias; Metodologia; Dança; Corpo; Cidade

DAS CORPOGRAFIAS

Corpografias em Dança é o nome dado a uma metodologia de pesquisa desenvolvida durante uma tese¹ de doutorado que direcionava-se à hipótese de que o corpo experimenta, sensivelmente, a informação, e que por vias da gestualidade podemos evidenciar essa subjacente relação. Neste contexto, através da improvisação em dança em espaços públicos, buscou-se uma produção de sentido entre verbos e gestos, necessariamente imbricados ao espaço de construção do movimento. Assim, as discussões relacionadas a espacialidade, especialmente no que tange ao corpo, foram fundamentais no desenvolvimento desta investigação.

É relevante apresentarmos, portanto, as distinções que adotamos entre os termos lugar e espaço e que são resultantes de longa discussão anterior envolvendo diversos autores, tais como: Sennett (2013), Foucault (2010), Augé (1992 e 2007), Certeau (1990 e 1998), Bauman (2001), Santos (2008) e Merleau-Ponty (1971 e 2000). De tal maneira, no contexto aqui apresentado, ao nos referirmos ao lugar, estaremos mencionando o aspecto geográfico e geométrico da categoria e que, simultaneamente, reserva em si o tempo empilhado da história (CERTEAU, 1990). Esse lugar é dono de inscrições anteriores, de outras presenças, de experiências, de alteridades e, nesse sentido, sugere possibilidades em devir, anteriores ao corpo que o experimenta – assim, o lugar é da ordem da potência.

Por sua vez, o espaço é, para nós, um acontecimento na presença do corpo, é a escrita da experiência em ato, é operação reversível – mas irrepitível – de uma atualização do lugar que jamais se esgota. Inscrições são sempre resultantes da escrita, do exercício. No instante da efetivação de um lugar em espaço, corpo e lugar inscrevem-se simultaneamente um no outro, espacializam-se.

A essas noções acrescentaremos as de corpografias e ambiências. Britto e Jacques (2012) têm desenvolvido uma investigação que coloca em pauta a

¹ A reflexão aqui apresentada pode ser vista em profundidade na tese de doutorado “Corpografias em Dança: da experiência do corpo sensível entre informação e gestualidade”, disponível em: <http://www.corpografias.com/> (Acesso: Novembro, 2015).

relação entre corpo e cidade. Denunciando a privatização e espetacularização dos espaços públicos, elas buscam valorizar a experiência corporal, a fim de compreender os processos urbanos contemporâneos, diante do empobrecimento da experiência sensorial nas cidades - diminuída, cerceada e domesticada por projetos arquitetônicos que não consideram o sujeito que corporifica o espaço. Adotando uma perspectiva na qual corpo e cidade se coimplicam, ou seja, se configuram mutuamente - de maneira em que os corpos se inscrevem na cidade e as cidades nos corpos -, Britto e Jacques trabalham, desde 2007, com a noção de corpografia².

Primeiramente, para fundamentar essa noção, as autoras recorrem à ideia de percepção em Nöe (2004) que, do ponto de vista da cognição e da filosofia da mente, irá considerá-la, necessariamente, como um modo de ação, estando, portanto, ligada ao movimento. O principal argumento defendido por Nöe em sua teoria da percepção, diz respeito a uma potente inversão na qual a percepção não é algo que nos chega inesperadamente, não é algo que nos acontece, e sim algo que operamos. Assim, a percepção deixa de ser algo que, simplesmente, surge de fora para dentro, ou seja, de passiva a percepção passa a ser compreendida como um fenômeno ativo, no qual estamos plenamente implicados.

É a partir desse contexto que o conceito de corpografia é traçado pelas autoras em questão, como consequência de uma experiência sensorio-motora vivida no espaço, a partir da qual os corpos ficam inscritos nas cidades e essas se inscrevem e configuram nossos corpos. É desta forma e direcionando o termo à experiência de resistência nas cidades que Britto e Jacques afirmam:

Chamaremos de *corpografia* urbana este tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, que corresponde a diferentes memórias urbanas que se instauram no corpo como registro de experiências corporais da cidade, uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas que, ao mesmo tempo, configura o corpo de quem a experimenta. (BRITTO; JACQUES, 2012, p.144-145, grifo das autoras)

Trata-se, assim, de uma espécie de cartografia corporal, complexa e processual, na qual o corpo expressa a síntese de sua interação com a cidade - de maneira menos óbvia e mais intrincada do que, à primeira vista, essa

² Termo inicialmente sugerido pelo arquiteto e urbanista Alain Guez *apud* Britto e Jacques (2012) para designar o registro da cidade no corpo do transeunte que a experimenta.

afirmação pode indicar. É importante salientar que, como querem as autoras, esse exercício de articulação entre corpo e cidade é pensado a partir de uma lógica processual que considera a multiplicidade de ocorrências simultâneas e contínuas de diferentes naturezas e escalas de tempo, que não podem ser distinguidas. Ao fenômeno relacional está pressuposto um sistema complexo, no qual as coisas são menos entidades em si e mais sistemas dinâmicos, coevolutivos, onde prevalece “a noção de que todas as coisas existentes são correlatas, em alguma medida, porque partilham as mesmas condições de existência e, assim afetam-se mutuamente” (BRITTO; JACQUES, 2012, p.148). Assim, o corpo e o espaço se ambientam, se reconhecem e se conformam pelo compartilhamento de uma só existência.

Submetidas desde sempre à degradação imposta pela ação do tempo, as coisas existentes manifestam-se como sínteses transitórias dos seus processos relacionais com outras em seu ambiente de existência. Seus estados, portanto, são sempre circunstanciais, por mais estáveis que pareçam. E seus processos interativos bem menos nítidos do que se costuma supor. (BRITTO, 2008, p.13)

Ora, é, obviamente, a própria ação do tempo que instaura o movimento, articulando corpo e espaço. Uma das resultantes dessa ação, para Britto e Jacques (2012), é a composição de ambiências³. De modo geral, o conceito diz respeito à qualificação dos ambientes, resultante do uso pelos habitantes. Augoyard⁴ *apud* Sevin et Voilmy (2009) procura encontrar o que é, frequentemente, despercebido no cotidiano ordinário e, para refletir sobre as ambiências, dirige o olhar a configurações que se enlaçam às propriedades físicas do espaço, às percepções e representação, ao corpo e à dimensão coletiva, que trazem à tona a questão do vivido.

Integrantes de um grupo de pesquisa sobre Arquitetura, Subjetividade e Cultura, Duarte *et al* (2008) explicam que a noção de ambiência envolve uma espécie de atmosfera sensível e afetiva, que confere à entidade física espaço a entidade poética, sensorial e multidirecional. Dessa forma, eles pensam a ambiência enquanto força motriz da experiência dos corpos no espaço e, com isso, sugerem a ela alguns atributos intrínsecos que são: a possibilidade de

³ O conceito cunhado pelo filósofo e urbanista francês Jean François Augoyard tem caráter pluridisciplinar e vem sendo desenvolvido por pesquisadores do Centre de recherche sur l'espace sonore et l'environnement urbain (CRESSON).

⁴ Trata-se de uma entrevista concedida por Jean-François Augoyard a Jean-Christophe Sevien e Dimitri Voilmy, publicada na revista *ethnographiques.org*, 2009. Ver referências.

evocar a memória sensível, a participação nos processos de construção identitária e seu potencial em permitir a experiência espacial, bem como sua apropriação.

Assim, a ambiência sugere uma apropriação simbólica do lugar devido à atuação - sempre perceptiva, vale lembrar - do usuário, sendo, portanto, condicionada por uma experiência espacial sensível. Destarte, o campo de processos instaurado e vivenciado nas corpografias – sempre, como resultado da ação interativa do sujeito – promove e configura, igualmente, ambiências e corporalidades. As ambiências sendo a qualificação do espaço em consequência das experimentações realizadas pelo corpo, e as corporalidades como registros dessas ações no corpo, estabilizações singulares advindas da percepção sensório-motora.

CRIAÇÃO DE UMA METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia que apresentaremos foi desenvolvida em três distintas etapas que abarcaram o traçado da informação à gestualidade a partir da experiência de uma corpografia dançada, ou seja de uma improvisação em dança acontecida em distintos lugares públicos. É importante destacar que optamos por realizar toda a aplicação da pesquisa através da internet, uma vez que esse meio atendeu nossa intenção de alcançar diversos ambientes culturais, apreendendo assim, lugares e corpos distintos.

Na primeira etapa da pesquisa a intenção foi a de selecionar e traçar um breve perfil dos participantes, que deviam então sugerir um lugar público em sua cidade, no qual pudessem elaborar e registrar um curto vídeo de improvisação em dança e, em seguida, nos enviar. Nosso primeiro passo foi viabilizar a comunicação e instrumentalização entre pesquisadores e pesquisados através de ferramentas disponíveis na internet. Nesse processo, buscamos alguns sites que ofereciam os serviços de criação de blogs, elaboração de formulários e

upload e distribuição de vídeos. Optamos pelos seguintes⁵: Blog (www.blogspot.com); Formulário (www.jotform.com) e Vídeo (www.vimeo.com).

Em um segundo momento, voltado para a aplicação da pesquisa, divulgamos uma chamada de participação direcionada a bailarinos que, uma vez interessados, eram convidados a visitar o blog da pesquisa onde era possível obter mais informações sobre o processo e, ao mesmo tempo, acessar e preencher um breve formulário de participação. Devido a abrangência da pesquisa (América do Sul e Europa) a chamada foi feita em português, espanhol, inglês e francês, tal difusão aconteceu em redes sociais especializadas em dança, revista eletrônica, facebook e listas de emails direcionadas para estudantes e profissionais da dança.

Ao final do processo obtivemos 47 formulários preenchidos, sendo 1 em inglês, 10 em francês, 9 em espanhol e os outros 27 em português. As inscrições vieram de 29 cidades diferentes localizadas em um dos 10 países seguinte: Alemanha, Bélgica, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, França, Itália, Venezuela e República Checa. Essa variedade atendeu ao nosso desejo de alcançar lugares distintos para o registro dos vídeos e mostrou-se relevante para o escopo de nossa pesquisa.

Iniciou-se então a próxima etapa da pesquisa, que tratava do efetivo registro dos vídeos. Os participantes foram instruídos a escolher três verbos que, na percepção deles, qualificassem o local escolhidos para dançar e, por fim, deviam se dirigir até esse lugar e lá improvisar, criando movimentos também inspirados nos verbos escolhidos. O vídeo deveria ser registrado uma só vez sem qualquer tipo de edição. Junto com todas as instruções de gravação, os bailarinos receberam também um protocolo sobre como inserir seu vídeo na página do vimeo que havíamos criado. No total, recebemos 19 vídeos, no entanto, três deles estavam fora das normas e não foram considerados em nossas análises.

⁵ Para ter acesso as ferramentas de pesquisa *on line* acesse: <http://corpographie.blogspot.com.br/> ; <http://corpographiefr.blogspot.com.br/> (francês); <http://corpographiept.blogspot.com.br/> (português); <http://corpographieen.blogspot.com.br/> (inglês); <http://corpographiees.blogspot.com.br/> (espanhol). Para assistir aos vídeos e saber mais sobre a pesquisa: www.corpografias.com

Interessados que estávamos em conhecer mais sobre o processo criativo de cada um dos dançarinos e compreender suas sugestões a partir dos elementos que receberam para a improvisação, propussemos a eles que respondessem um breve questionário a ser registrado. Neste caso, optamos também pelo formato vídeo, pois pretendíamos visualizar também a gesticulação do bailarino ao mencionar o processo pelo qual haviam passado. No vídeo questionário os bailarinos deviam justificar sua escolha do espaço, associado à ideia do que consideravam como espaço público; falar um pouco da experiência e das sensações de dançar naquele lugar e buscar uma associação entre cada um dos três verbos escolhidos e um movimento realizado.

Como previsto, a seleção dos participantes finais foi acontecendo de maneira natural, de acordo com o interesse e disponibilidade de cada um, por fim, obtivemos 09 vídeo questionários, ou seja, foram nove as bailarinas que cumpriram todas as etapas da metodologia, sendo: 05 no Brasil (Campinas [02], Barão Geraldo, Salto e Rio de Janeiro), 02 na França (Paris e Lille) e 01 na Alemanha (Berlim).

A análise aconteceu em três tempos devido ao modo como os instrumentos de pesquisa foram aplicados, também em três distintas etapas: formulário, vídeo de dança e vídeo de questionário. E, principalmente, aos três tempos da relação entre corpo-espaço, sendo o primeiro aquele da ordem da potência e que corresponde ao lugar; o segundo refere-se às atualizações e diz respeito ao espaço; enquanto o terceiro acontece por vias da apropriação e está associado às ambiências.

Por fim, é importante saber também que no intuito de se compreender a função dos verbos selecionados pelos participantes da pesquisa enquanto possibilidades de ações ou movimentos, recorreremos às formulações de Laban (1978), especialmente aos Fatores do Movimento que integram a Eukinética⁶.

⁶ A Eukinética compreende o estudo sobre os aspectos qualitativos do movimento, e em torno dessas qualidades incluem-se o ritmo, a dinâmica e a expressividade, contidas na movimentação. O sistema volta-se para a relação entre o movimento do corpo e sua capacidade de expressão, buscando revelar as nuances que podem ser apreendidas em uma ação. Para compor a Eukinética, Laban elabora um preceito denominado *Effort Shape*, no qual são conjugados, o que ele determina os quatro fatores básicos do movimento, ou, simplesmente, **Fatores do Movimento: Peso, Espaço, Tempo e Fluência**.

TRÊS TEMPOS DE ANÁLISE

Os elementos da pesquisa foram abordados seguindo uma lógica na qual a primeira informação - que, propositalmente, dispara o sentido na situação de deriva corpográfica que criamos - vem dos verbos. O processo significativo se desenvolve a partir dessa escolha que perpassa o lugar, o espaço e a ambiência.

Detalhando, temos, assim, nosso primeiro tempo de análise, direcionado à escolha dos verbos e das qualidades e intensidades que eles podem designar, respectivamente, para o lugar e para a ação do corpo. Entendemos, de tal maneira, que este é o tempo da potência. Nele o lugar foi imaginado, mas ainda não experimentado, e a informação que dele nós temos vem das próprias escolhas verbais e aquilo a que elas podem remeter. Nesta etapa, utilizamos a classificação das ações em Laban para efetuar a análise dos verbos (ANEXO 10) e refletimos, ainda, sobre a produção de sentido que é disparada pela escolha dos verbos, associados ao lugar.

O segundo momento da análise é o tempo da atualização, aquele no qual o lugar se espacializa no ato da dança. Sendo assim, nosso foco esteve nos vídeos de improvisação em dança, tanto em relação ao que podemos observar sobre as dinâmicas presentes no lugar escolhido, como em relação à maneira como o corpo elabora seu espaço pessoal naquele lugar, dele apropriando-se via movimento. Lembremos, pois, que, como previsto no sistema da Corêutica⁷, a relação entre o espaço e o corpo pode ser analisadas em duas direções: espaço>corpo e corpo>espaço. Essas foram exploradas, refletindo sobre como cada bailarino espacializa seu lugar e destacando, quando evidentes, as interferências do entorno.

Auxiliando o desenvolvimento dessa etapa, consideramos também as três primeiras questões respondidas pelos participantes no segundo vídeo registrado e que versam sobre o entendimento e a escolha a respeito do lugar

Outros elementos que integram o estudo e que também se relacionam aos fatores listados são as **Ações do Movimento**, divididas em **Incompletas** e **Completas** ou **Básicas**, que apresentam suas ações **Derivadas**.

⁷ A Corêutica é o estudo da organização espacial dos movimentos, desenvolvido por Laban, e pensados a partir do corpo. Ou seja, o espaço corêutico é concebido diante de cada corpo, garantindo um território pessoal a cada indivíduo.

público. São elas: 1) Considerando-se a noção de “lugar público”, como você fez a escolha do lugar onde realizou sua performance? 2) De uma maneira geral, conte-nos livremente como foi a experiência de dançar e ser filmado(a) em um lugar público. 3) Quais relações você estabeleceu entre os verbos e o espaço dançado? Explique suas escolhas.

O tempo da apropriação foi o terceiro momento da análise, no qual, focamos nas associações propostas pelos bailarinos entre os gestos executados e os verbos escolhidos. Essa escolha dizia respeito aos registros que o corpo fez do processo como um todo e, mais especificamente, a maneira como ele atualizou o lugar e fez dele uma ambiência. Deu-nos, portanto, pistas sobre as informações que se colaram na experiência sensível do corpo (Mereleau Ponty, 1971), as quais verificamos no segundo vídeo, para o qual olhamos, não só atentos as questões respondidas pelos participantes, mas também à gestualidade exibida. Ou seja, interessava-nos, para além da fala, a expressão do bailarino que, ao dizer e lembrar do processo vivido, realiza uma gesticulação que, em alguns casos, pode ser reveladora.

Trata-se assim de um olhar que se dirige à forma, a um arranjo espacial instantâneo e provisório, no qual se implicam e imbricam gesto e informação. Pois que, o gesto, enquanto mediação do ser no mundo (Agamben, 1992, 2011), pode ser parcialmente revelado pelas formas que emergem na própria gestualidade. A forma, por sua vez, advém do trânsito e da momentânea organização das informações, que estão em processo de atualização. Assim, se pensarmos no gesto, enquanto forma, ele será conformado pelas informações, que estão em atravessamento no corpo-espaço. Seguindo com o mesmo raciocínio, temos a gestualidade como o movimento dessas formas. Enfim, o que buscamos fazer nessa etapa foi olhar para o gesto e para a gestualidade, a fim de encontrar resquícios da ponta da cadeia de sentido que traçamos, quer seja da informação, que diz enfim sobre a experiência do corpo sensível em sua corpografia em dança e tudo o que isso elenca.

No que tange ao segundo vídeo gravado pelos bailarinos, consideramos seus discursos de maneira geral, no entanto, nos atentamos, além do modo de agir de nossos personagens, às respostas à questão número quatro do

questionário, sendo ela: 4) Considerando a performance que você realizou, quais movimentos você poderia associar aos verbos escolhidos? Pronuncie cada um deles, separadamente, e em seguida mostre os movimentos que possam corresponder ao verbo que você acabou de dizer. Ou seja, você realizará as seguintes ações: dizer em voz alta o primeiro verbo e mostrar o(s) movimento(s) associado(s) a ele, fazer a mesma coisa com o segundo verbo e depois com o terceiro.

Diante dessa proposição, nossas corpografias em dança, foram analisadas entendendo-se que foram disparadas pelo verbo e tracejadas da informação à gestualidade. Não cabe aqui discorrer sobre cada análise, mas como mencionado elas podem ser verificadas na tese em que foram concebidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Graziela. Corpografia em dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade. Tese, UFMG, 2013.

AGAMBEM, Giorgio. Notes sur le geste. Tradução Daniel Loayza. In: Trafic 1. Paris: POL, 1992, p. 49-52.

AGAMBEM, Giorgio. Le geste et la danse. In: MACEL, Christine; LAVIGNE, Emma (Org.). Danser sa vie: écrits sur la danse. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 2011, p. 189-194.

AUGÉ, Marc. Non-lieux: introduction à une Anthropologie de la Surmodernité. La librairie du XX^e siècle (Collection). Paris: Éditions du Seuil, 1992.

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007, cap.3, p. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRITTO, Fabiana Dultra. Corpo e Ambiente. Co-determinações em processo. Cadernos PPG-AU, ano 6, nº 1, 2008. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/node/39>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpo e Cidade. Coimplicações em processo. Revista UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

CERTEAU, Michel de. L'invention du quotidien I. Arts de faire. Éditions Gallimard, 1990.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. 3.ed., v.1. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, C.R; COHEN, R.; SANTANA, E.; BRASILEIRO, A.; PAULA, K.; UGLIONE, P. Explorando as ambiências: dimensões de possibilidade metodológicas na pesquisa em arquitetura. In: Colloque International Faire une Ambiance, Grenoble, 2008. Anais.... Disponível em : <www.asc.fau.ufrj.br> . Acesso em: 10 fev. 2010.

FOUCAULT, Michel. Surveiller et punir: naissance de la prison. Collection Tel. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel. Le corps Utopique, Les Hétérotopies. Clamecy: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.

FOUCAULT, Michel. Os corpos doces. In: Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. cap. 1, p.131–163.

LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. (Org.). Lisa Ullmann. Tradução Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf. Choreutics. Alton, Hampshire, UK: Dance Books Ltd. 2011a.

LABAN, Rudolf. Vision de l'espace dynamique. In: MACEL, Christine; LAVIGNE, Emma. (Org.). Danser sa vie: écrits sur la danse. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 2011b, p.109-122.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o Invisível. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

NÖE, Alva. Action in Perception. The MIT Press. Massachusetts: Cambridge, 2004.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008.

SEVIN, Jean-Christophe Sevin; VOILMY, Dimitri. Une pensée de la modalité. Entretien avec Jean-François Augoyard. Ethnographiques.org, n. 19, dec. 2009. Disponível em: <<http://www.ethnographiques.org/2009/>> . Acesso em: 6 jun. 2013.

ANEXO 01: QUADRO DE ANÁLISE DOS VERBOS A PARTIR DAS AÇÕES EM LABAN

Ações Básicas		Torcer	Pressionar	Talhar	Socar	Flutuar	Deslizar	Pontuar	Sacudir
Ações Derivadas		arrancar colher esticar	prensar partir apertar	bater atirar chicotear	empurrar chutar cutucar	espalhar mexer remar	alisar lambuzar borrar	palmar pancada abanar datilografar	roçar agitar tranco
Fatores:	Tempo	Sustentado	Sustentado	Súbito	Súbito	Sustentado	Sustentado	Súbito	Súbito
	Peso	Firme	Firme	Firme	Firme	Leve	Leve	Leve	Leve
	Espaço	Flexível	Direto	Flexível	Direto	Flexível	Direto	Direto	Flexível
Corpografantes:	Maria		aguardar			desvencilhar-se		ritmar	
	Ismênia					transitar			
	Luciane								balançar
	Thamyris		proibir						festejar
	Daniela		esperar encontrar				passar		
	Scheherazade		esperar	<i>jugar</i> (jogar) buscar					
	Adeline					<i>explotar</i> (explorar)	fluir		
	Lynda		gravir (galgar)				échalonner (escalonar)	franchir (ultrapassar)	
Ações Incompletas		Acordado	Onírico	Remoto	Perto	Estável	Móvel		
Ênfase nos Fatores:		Espaço Tempo	Fluência Peso	Espaço Fluência	Peso Tempo	Espaço Peso	Tempo Fluência		
Corpografantes:	Ismênia		Poetizar		Saborear				
	Luciane	Sentir				Admirar			
	Thamyris		Enlouquecer						
	Adeline		Angustiar						